

*Fernanda Lopes de Almeida*

# A fada que tinha ideias

Ilustrações de Edu



- Este livro foi indicado pela FNLJ como uma das cinco melhores obras infantis brasileiras de 1967-1971.
- Incluído na Bibliografia Seletiva de Literatura Infantil da Unesco, no Ano Internacional do Livro, 1972.
- Selecionado para o acervo permanente da Biblioteca Internacional para a Juventude, de Munique, 1976.
- Recebeu, em adaptação teatral da Autora, prêmio MEC/Troféu Mambembe, 1982.

O texto ficcional publicado neste livro é o mesmo das edições anteriores.

*A fada que tinha idéias*

© Fernanda Lopes de Almeida, 1971

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Claudia Moraes
Editor assistente	Fabrizio Waltrick
Apoio de redação editorial	Cláudia Mesquita
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista

Arte	
Editora	Suzana Laub
Editor assistente	Antonio Paulos
Capa, Projeto gráfico e	
Editoração eletrônica	Rex Design
Edição eletrônica de imagens	Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SERVIDIÁRIO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A512F  
28.ed.

Almeida, Fernanda Lopes de  
A fada que tinha idéias / Fernanda Lopes de Almeida ;  
Ilustrações de... - 28.ed. - São Paulo : Ática, 2004  
Il. : - (Coleção Fernanda Lopes de Almeida)

Ática  
ISBN 978-85-08-30843-5

1. Liberdade de expressão - Literatura infantojuvenil.  
I. Bda. 1952- II. 779.05. III. Série.

06-932L CDD 028.5  
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 30843-5 (aluno)  
ISBN 978 85 08 30844-2 (professor)

2013

28ª edição

10ª impressão

Impressão e acabamento: BrasiliForm Editora e Ind. Gráfica

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2004  
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - CEP 02909-900 - São Paulo, SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 - atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br - www.atica.com.br/educacional

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livrarias, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.





*Fernanda Lopes de Almeida*

# A fada que tinha ideias

Ilustrações de Edu

**ea**  
editora ática







# A fada que tinha ideias

Clara Luz era uma fada, de seus dez anos de idade, mais ou menos, que morava lá no céu, com a senhora fada sua mãe. Viveriam muito bem se não fosse uma coisa: Clara Luz não queria aprender a fazer mágicas pelo Livro das Fadas. Queria inventar suas próprias mágicas.

— Mas, minha filha — dizia a Fada-Mãe — todas as fadas sempre aprenderam por esse livro. Por que só você não quer aprender?

— Não é preguiça, não, mamãe. É que não gosto de mundo parado.

— Mundo parado?

— É. Quando alguém inventa alguma coisa, o mundo anda. Quando ninguém inventa nada, o mundo fica parado. Nunca reparou?

— Não...

— Pois repare só.

A Fada-Mãe ia cuidar do seu serviço, muito preocupada. Ela morria de medo do dia em que a Rainha das Fadas descobrisse que Clara Luz nunca saíra da Lição Um do Livro.

A Rainha era uma velha fada muito rabugenta. Felizmente vivia num palácio, do outro lado do céu. Clara Luz e a mãe moravam numa rua toda feita de estrelas, chamada Via Láctea. A casinha delas era de prata e tinha um jardim todo de flores prateadas.

— Minha filha, faça uma forcinha, passe ao menos para a Lição Dois! — pedia a Fada-Mãe, aflita.

— Não vale a pena, mamãe. A Lição Um já é tão enjoada, que a Dois tem que ser duas vezes pior.





— Mas enjoada por quê?

— Ensina a fabricar tapete mágico.

— Pois então? Já pensou que maravilha saber fazer um tapete mágico?

— Não acho, não. Tudo quanto é fada só pensa em tapete mágico. Ninguém tem uma ideia nova!

Clara Luz estava sempre fazendo experiências com a sua vara de condão. Já de manhã cedo, reparava no bule de prata (tudo na casinha delas era de prata, até a mobília). Olhava para ele e tinha uma ideia:

— Tem bico. Dá um bom passarinho.

E transformava o bule em passarinho.

Mas o passarinho saía com três asas: duas dele mesmo e uma do bule, que tinha sobrado.

A Fada-Mãe entrava na sala e levava um susto danado:

— Que bicho esquisito é esse?

— É o bule, mamãe, que eu transformei em passarinho.

— Clara Luz! E agora? Onde vou coar o pó-de-meia-noite para fazer o nosso café? E que ideia foi essa de fazer passarinho com três asas? Ao menos ponha só duas asas nele!

— Mas, mamãe, ele gosta de ter três asas!

O passarinho, furioso, entrava na conversa:

— Não gosto, não senhora! Faça o favor de me consertar já!

Clara Luz não acertava e quem acabava consertando era a Fada-Mãe.

O passarinho agradecia muito:

— Se não fosse a senhora eu não sei como seria! Essa sua filha é muito intrometida.

E saía pela janela, resmungando ainda:

— Veja só! Inventar que eu gosto de ter três asas!

Mas essas eram apenas as ideias menores de Clara Luz. Havia outras maiores.



# Os bolinhos de luz



A maior amiga de Clara Luz era Vermelhinha, uma estrela cadente.

Por ser cadente, Vermelhinha podia ir para onde queria, no céu. E como corriam, ela e Clara Luz, brincando de esconder atrás das nuvens!

— Minha filha, por que você não arranja uma amiga mais calma, hein? — perguntava a Fada-Mãe, às vezes, tonta com as travessuras de Clara Luz e Vermelhinha.

Mas perguntava por perguntar, pois também gostava muito de Vermelhinha. Tanto que, no aniversário da estrela, resolveu dar uma festa.

Vermelhinha ia fazer nove milhões de anos, o que, para uma estrela, é bem pouco.

Clara Luz, que adorava festas, estava felicíssima, ajudando a mãe muito direitinho.

Justamente na véspera do aniversário a Fada-Mãe teve de sair para desencantar uma princesa.

— Não faz mal — disse ela. — Está tudo quase pronto. Você pode ir fazendo a massa dos bolinhos de luz, enquanto eu saio. Acho que já sabe fazê-los sozinha.

— Sei fazer muito bem.

— Ótimo! Amanhã de manhã faço o bolo de aniversário. É só o que está faltando.

E a Fada-Mãe, abrindo as asas cor de prata, saiu voando pela janela.

Clara Luz correu para a cozinha e abriu o livro de receitas na página dos bolinhos:





### **Bolinhos de Luz**

250 gramas de raios de sol.

250 gramas de raios de luar.

Uma colher de chá de fermento de relâmpago.

Maneira de fazer: mistura-se bem os raios de sol e de luar, até saírem faíscas. Junta-se então o fermento de relâmpago.

— Que fácil! — pensou Clara Luz. — Não sei como certas pessoas podem achar difícil fazer bolo!

E foi tirando os raios de sol e de luar dos potes onde estavam guardados, nas prateleiras. Despejou tudo num tacho e mexeu, como a receita mandava. A cozinha inteira começou a brilhar!

Quando chegou a hora do fermento, Clara Luz teve uma ideia:

— Fermento é que faz o bolo crescer. Se, em vez de uma colher de chá, eu puser um relâmpago inteiro, vai sair um bolão enorme. Mamãe amanhã nem vai precisar fazer o bolo das velas.

É claro que não havia relâmpago inteiro em casa. Clara Luz não se atrapalhou:

— O jeito é eu ir para a janela e pescar o primeiro que passar.

Mas não foi fácil. Nenhum relâmpago concordava em entrar no bolo:

— Eu não, ora essa! Tenho mais o que fazer!

Afinal passou uma família inteira de relâmpagos: pai, mãe e cinco filhos. Ninguém deu confiança a Clara Luz. O menor de todos, um relampagozinho muito esperto, ia no fim da fila.

— Psiu! — chamou Clara Luz. — Você quer entrar no meu bolo?

— Eu não, que não sou bobo. Pensa que quero ser comido em festa de aniversário?

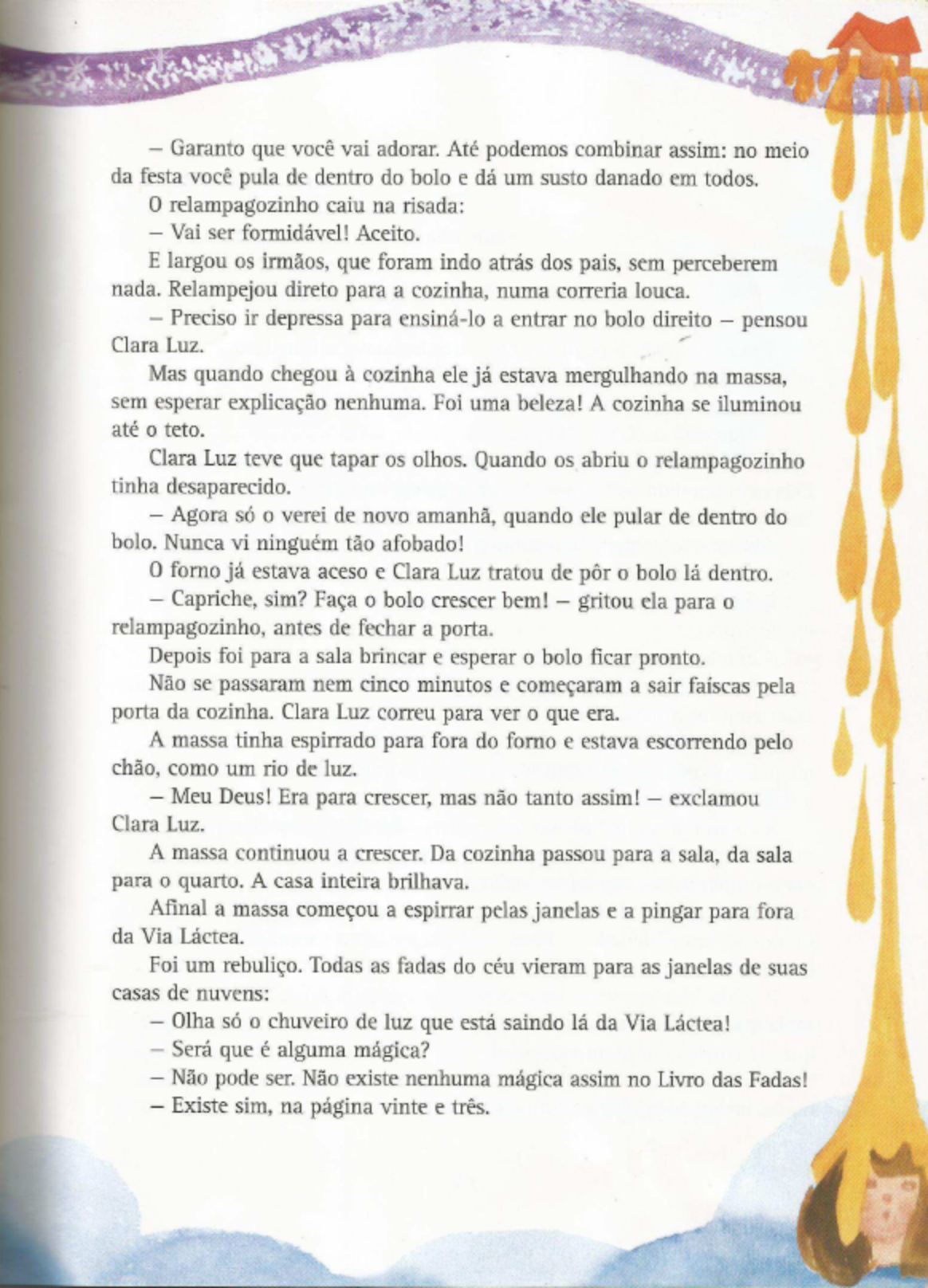
Clara Luz pensou um pouco:

— Você entra e depois sai. É só para fazer o bolo crescer.

O relampagozinho começou a gostar da ideia:

— Puxa! Deve ser divertido mesmo!





— Garanto que você vai adorar. Até podemos combinar assim: no meio da festa você pula de dentro do bolo e dá um susto danado em todos.

O relampagozinho caiu na risada:

— Vai ser formidável! Aceito.

E largou os irmãos, que foram indo atrás dos pais, sem perceberem nada. Relampejou direto para a cozinha, numa correria louca.

— Preciso ir depressa para ensiná-lo a entrar no bolo direito — pensou Clara Luz.

Mas quando chegou à cozinha ele já estava mergulhando na massa, sem esperar explicação nenhuma. Foi uma beleza! A cozinha se iluminou até o teto.

Clara Luz teve que tapar os olhos. Quando os abriu o relampagozinho tinha desaparecido.

— Agora só o verei de novo amanhã, quando ele pular de dentro do bolo. Nunca vi ninguém tão afobado!

O forno já estava aceso e Clara Luz tratou de pôr o bolo lá dentro.

— Capriche, sim? Faça o bolo crescer bem! — gritou ela para o relampagozinho, antes de fechar a porta.

Depois foi para a sala brincar e esperar o bolo ficar pronto.

Não se passaram nem cinco minutos e começaram a sair faíscas pela porta da cozinha. Clara Luz correu para ver o que era.

A massa tinha espirrado para fora do forno e estava escorrendo pelo chão, como um rio de luz.

— Meu Deus! Era para crescer, mas não tanto assim! — exclamou Clara Luz.

A massa continuou a crescer. Da cozinha passou para a sala, da sala para o quarto. A casa inteira brilhava.

Afinal a massa começou a espirrar pelas janelas e a pingar para fora da Via Láctea.

Foi um rebuliço. Todas as fadas do céu vieram para as janelas de suas casas de nuvens:

— Olha só o chuveiro de luz que está saindo lá da Via Láctea!

— Será que é alguma mágica?

— Não pode ser. Não existe nenhuma mágica assim no Livro das Fadas!

— Existe sim, na página vinte e três.

Foram todas ver  
na página vinte e três.

Enquanto isso Clara Luz gritava:

– Socorro! Não sei fazer isso parar.

– Ela está pedindo socorro! Vê depressa a página vinte e três!

– Está aqui, olha.

Todas olharam: a página vinte e três ensinava a transformar abóbora em carruagem. Ninguém ficou sabendo nada sobre aquela mágica que estava acontecendo na Via Láctea.

– Não está no Livro. Não podemos fazer nada.

E as fadas, coitadas, olhavam umas para as outras, assustadíssimas. Elas nem queriam pensar no que aconteceria a Clara Luz se a Rainha das Fadas soubesse daquilo tudo.

Justamente naquele momento vinha chegando a Fada-Mãe, linda como um pássaro de prata.

Quando viu aquele clarão enorme saindo de sua casa, quase morreu de susto:

– Minha filha! Onde você está?

– Estou aqui, mamãe. Faça uma mágica depressa! Não sei o que vou fazer com essa massa. Vai acabar pingando lá na Terra!

A Fada-Mãe, aflita, resolveu, pela primeira vez na vida, fazer uma mágica que não era do Livro. Com três varadinhas da vara de condão, fez a massa de luz dançar um bailado no ar e virar um cometa.

E como era rápido! Sendo um cometa com relâmpago dentro, corria numa tal velocidade que nem era possível enxergá-lo direito. Só se via o rasto brilhante que ele deixava no céu.

– Puxa, mamãe! Você quando quer faz cada mágica! – exclamou Clara Luz, entusiasmada. – Pena você perder tanto tempo encantando e desencantando princesas!

A Fada-Mãe estava se abanando, sem voz para falar. E como não sabia que o cometa tinha relâmpago dentro, não estava entendendo por que ele corria com tanta velocidade.

– Minha filha – disse ela, assim que pôde falar – por que você tem tantas ideias, hein? Seria tão bom se tivesse menos...



# O aniversário de Vermelhinha



Todas as amigas da mãe de Clara Luz levaram suas filhas ao aniversário de Vermelhinha.

Na hora de acender as velas do bolo, quando todos iam começar a cantar parabéns, ouviu-se uma barulheira na porta. A Fada-Mãe, espantada, foi abrir.

Entrou a Senhora Relâmpaga, mãe do relampagozinho que Clara Luz tinha metido na massa dos bolinhos.

— Só quero saber o que fizeram do meu filho! — berrou ela, com as mãos na cintura. — Fui informada de que foi aqui, nesta casa, que ele entrou.

As fadas, mortas de medo, começaram a chamar as fadinhas para perto. A Senhora Relâmpaga era conhecida pelo seu mau gênio.

— Mas, minha senhora, de que filho a senhora está falando? Eu não sei de nada! — disse a Fada-Mãe.

— Não se faça de boba! — respondeu a Senhora Relâmpaga. — Pensa que pode ir transformando o filho dos outros em cometa e que depois fica tudo por isso mesmo? Está muito enganada. Ou me devolvem o meu filho já, ou queimo tudo nesta casa!

E para mostrar do que era capaz, deu uma relampejada e queimou diversos móveis.

Foi uma correria. As fadas mais medrosas começaram a se esconder, embaixo da mesa, atrás do sofá.

— Cometa? — perguntou a Fada-Mãe, cada vez mais espantada. — Juro à senhora que nunca transformei filho de ninguém em cometa!





— Transformou sim, mamãe, não se lembra? — perguntou Clara Luz, muito lampeira. — Foi ontem mesmo, de noite, que você transformou o filho dela em cometa.

— Eu?

— É, sim. Esqueci de lhe contar, mas ele está dentro da massa dos bolinhos. Por isso é que a massa cresceu tanto.

Ouvindo isso, a Senhora Relâmpaga quase incendiou a casa toda:

— Vou dar queixa à Rainha das Fadas! Essa menina vai receber um castigo que ela vai ver só!

A Fada-Mãe ficou com falta de ar e as amigas mais corajosas vieram abaná-la. As fadinhas começaram a chorar.

Só Vermelhinha e Clara Luz não choraram. Elas já estavam perdendo a paciência com a Senhora Relâmpaga.

— Sabe de uma coisa? — gritou Clara Luz. — Não tenho medo nenhum das suas queixas. Pode ir dar queixa. E que modos são esses de entrar na casa dos outros? Não tem educação?

A Senhora Relâmpaga, que estava habituada a berrar sozinha, ficou tão espantada que parou de relampejar.

— É isso mesmo — gritou Vermelhinha. — A senhora devia estar muito contente de ter um filho cometa e em vez disso ainda vem reclamar! Na minha família sempre quisemos que nascesse um cometa e nunca nasceu nenhum.

— É? — perguntou a Senhora Relâmpaga, admirada.

— Claro que é. Ter um filho cometa é o mesmo que ter um filho príncipe, ou até rei.

A Senhora Relâmpaga começou a ficar orgulhosa.

Mas depois enxugou uma lágrima:

— O caso é que fico com muitas saudades dele — explicou ela.

— Desde que virou cometa, não apareceu mais.

Clara Luz e Vermelhinha olharam uma para a outra:

— Coitada! Nesse ponto ela tem razão.

— É mesmo! Que adianta ter um filho príncipe e nunca ver esse filho?

Clara Luz não se atrapalhou:

— Pode deixar, Dona Relâmpaga. Assim que mamãe melhorar, vou pedir para ela tirar o seu filho de dentro do cometa.

A Senhora Relâmpaga ficou satisfeitiíssima:

— Pensei que isso não fosse possível!

— É possível, sim. Dá um pouco de trabalho, mas é possível. Mamãe é formidável em mágicas. Faz cada uma que só a senhora vendo!

— Enquanto espera, aceita um refresco de orvalho? — ofereceu Vermelhinha.

Dona Relâmpaga aceitou e gostou muito. Quando a Fada-Mãe melhorou, Vermelhinha, Clara Luz e Dona Relâmpaga estavam conversando, muito amigas.

— Não é possível! Será verdade o que estou vendo? — exclamou a Fada-Mãe, que esperava ter muito trabalho ainda para acalmar Dona Relâmpaga.

— É verdade sim, mamãe. Dona Relâmpaga já entendeu tudo. Agora você vai é ter que tirar o filho dela de dentro do cometa.

— É um favorzinho que lhe peço — disse Dona Relâmpaga.

— A senhora compreende, sei que é uma honra ter um cometa na família, mas sinto muita falta dele.



— Perfeitamente, Dona Relâmpaga. Eu não sabia de nada disso. Foi tudo ideia da minha filha.

Foi então que começou a maior correria que já houve no céu. Tirar o relampagozinho de dentro do cometa não era nada. O difícil era pegar o cometa.

Todas as fadas e fadinhas convidadas tomaram parte no pega-pega. Espalharam-se por todos os cantos do céu para cercar o cometa:

— Lá vai ele!

— Sumiu!

— Apareceu! Olha lá!

Foi uma verdadeira caçada. O cometa voava pelo céu, com uma quantidade de fadas atrás.

De repente, começou a ir para os lados do palácio da Rainha. A gritaria das fadas foi tão grande que ele, felizmente, mudou de rumo. Todas respiraram, aliviadas.

Dona Relâmpaga, que também era muito veloz, corria quase tanto quanto o cometa. Mas ele, como tinha um relampagozinho-criança dentro, conseguia correr sempre um pouco mais. Dona Relâmpaga já tinha certa idade e era um pouco gorda.

Afinal quem conseguiu agarrar o cometa, pela cauda, foi Clara Luz. Ele ia com tanta velocidade que ainda arrastou a fadinha por uns dois quilômetros. Mas acabou parando.

— Ufa! — suspirou Clara Luz, arrastando o cometa, de volta para casa. — Se eu soubesse que esse relampagozinho ia dar esse trabalhão nunca o teria convidado para entrar no meu bolo!

Foi uma sensação a chegada de Clara Luz. As fadas todas se reuniram no jardim para ver o relampagozinho sair do cometa. Dona Relâmpaga começou a chorar de alegria:

— Estou tão comovida como no dia em que ele nasceu — disse ela para Vermelhinha.

A Fada-Mãe moveu a varinha de condão, disse umas palavras mágicas, e o relampagozinho pulou para fora do cometa, com uma cara muito estonteada, como quem acaba de acordar:

— Ué! Que foi que aconteceu?

Foi preciso explicar tudo a ele. Não se lembrava de nada, nem da hora em que entrara no bolo.



As fadinhas estavam encantadas com o relampagozinho. Puseram logo nele o apelido de Relampinho. E até briga saiu para decidir quem o poria no colo primeiro.

Relampinho, assim que o estonteamento passou, saiu numa correria louca, como sempre. As fadinhas saíram todas atrás, brincando de pegar.

As fadas grandes foram para a sala, com Dona Relâmpaga.

O resto da festa foi ótimo.

Na hora de ir embora, Vermelhinha agradeceu muito à Fada-Mãe:

— Nunca me diverti tanto no meu aniversário! Agora, sempre que fizer anos, vou convidar pelo menos um relâmpago.

— Eu também — disse Clara Luz. — A festa fica muito mais animada.

Dona Relâmpaga despediu-se também, com muitos agradecimentos:

— A senhora queira desculpar ter queimado os móveis — disse ela à Fada-Mãe. — É que estava louca de saudades e eu, quando estou com saudades, queimo tudo ao meu redor.



# A chuva colorido



Outra grande amiga de Clara Luz era a Gota de Chuva. Essa vivia sempre viajando, do céu para a Terra. Na volta tinha mil histórias para contar. Clara Luz queria saber tudo sobre a Terra. Até Geografia e História do Brasil a Gota lhe ensinou um pouco.

Dias depois do aniversário de Vermelhinha, Clara Luz saiu para brincar com a estrela e encontrou-a discutindo com a Gota.

Clara Luz nunca ficou sabendo a razão da briga. Quando chegou, elas já estavam danadas, dizendo desaforos uma para a outra.

— Pensa que é linda, assim toda vermelha?  
— E você, que nem tem cor?  
— Cara de tomate!  
— Cara de fantasma!  
— Essa discussão de vocês está me dando uma ideia! — disse Clara Luz.

Vermelhinha e a Gota esqueceram a briga:

— Conte depressa! Que ideia é?  
— Vou colorir a chuva.

Vermelhinha e a Gota acharam a ideia ótima.



– Você – disse Clara Luz à Gota – fica encarregada de descer à Terra e depois vir nos contar tudo que aconteceu por lá. Assim que acabar a chuva, evapore-se e volte para cá bem depressa.

– Está bem, mas só vou com uma condição.

– Qual é?

– Poder escolher a minha cor. Você pode me colorir de uma cor que eu não goste.

– De que cor você quer ser?

– Amarelinha. Adoro amarelo!

Vermelhinha deu sua opinião:

– Se eu fosse você, escolheria azul.

– Não. Ou vou amarela, ou então não vou.

Naquele momento a chuva começou a cair.

– Chegou a hora, meninas! – anunciou Clara Luz.

E, erguendo a varinha de condão, coloriu a chuva.

Começou a chover de todas as cores: vermelho, azul, amarelo, roxo, verde, alaranjado e mil outras.

Vermelhinha e a Gota davam pulos de alegria.

– Agora vá! – disse Clara Luz para a Gota. – Vá depressa, para depois contar tudo que o pessoal lá da Terra achou dessa chuva.

– Vou como, se você ainda não me coloriu? Pensa que quero ser a única gota sem cor no meio dessas outras, lindas?

– Ah! É mesmo!

E Clara Luz, com uma varadinha, fez a Gota ficar amarela. Na mesma hora ela desceu, sem dizer nem até logo.

As fadas do céu começaram a notar alguma coisa diferente e foram abrindo as janelas para ver o que estava acontecendo. Quando viam a chuva, quase caíam para trás:

– Não é possível! Vizinha! Vizinha! Já viu o que está acontecendo?

A fada vizinha vinha também para a janela:

– Não posso acreditar! Estou vendo uma chuva colorida!

– É isso mesmo! Foi por isso que eu gritei!

– Mas quem terá feito uma coisa dessas? Que dirá a Rainha, quando souber?



Foi um escândalo. Ninguém mais conseguiu trabalhar, nem fazer nada. Só se falava na chuva colorida.

A última a reparar na chuva foi justamente a Fada-Mãe. Estava tão ocupada, arrumando a casa, que não olhou para fora.

Depois resolveu ir ao jardim, colher umas flores prateadas para a jarra da sala.

— Tenho alguma coisa nos olhos — pensou ela. — O que estou vendo, só pode ser defeito da minha vista.

Nesse momento chegou Clara Luz.

— Querida, imagine como eu estou mal da vista: estou vendo uma chuva de todas as cores.

Clara Luz riu:

— Sua vista é ótima, mamãe. Está chovendo colorido, mesmo. Fui eu que fiz.

— Clara Luz! Você coloriu a chuva?

— Colori.

— Mas com ordem de quem?

— De ninguém, mamãe. Para colorir chuva não precisa ordem, não. Basta a gente ter a ideia.

— Mas, menina, quem manda aqui no céu não é você, é a Rainha.





— Eu sei, mamãe, então não sei disso? Mas por que a Rainha iria ser contra uma chuva tão bonita? Só se ela for muito boba.

Ouvindo chamar a Rainha de boba, a Fada-Mãe perdeu a respiração.

— Por favor, um copo d'água! — pediu ela, com voz fraca.

Clara Luz foi correndo buscar. Mas, em vez de dar a água para a mãe beber, jogou-a na cabeça dela.

— Não era para jogar na cabeça, Clara Luz, era para beber — disse a Fada-Mãe, toda molhada.

— Ah! Então desculpe! Vou já buscar outro!

— Não, obrigada. Não é preciso. Já estou melhorando.

Realmente, com o banho, a Fada-Mãe melhorara logo. Só estava, ainda, com um pouco de falta de ar.

— Mamãe, você tem um defeito — disse Clara Luz. — Quer saber qual é?

— Diga, minha filha.

— É essa sua falta de ar. Tudo faz você ficar com falta de ar. Tem tanto ar, olha aí!

A Fada-Mãe olhou:

— É... ar, há bastante.

— Pois então? Só fica com falta de ar quem quer. Tem ar até sobrando.

A Fada-Mãe viu que estava respirando melhor:

— Engraçado! Sabe que, depois dessa sua explicação sobre o ar, eu estou respirando muito bem?

— Então estou às ordens. Quando você ficar com falta, pode falar comigo, que eu explico tudo de novo e você melhora.

A Fada-Mãe voltou para dentro muito intrigada:

— Nunca vi umas ideias como as dessa menina! Só se ela saiu ao pai, que era o mágico mais inventor da corte do Rei dos Mágicos.

# A Professora de Horizontologia

Já tinha parado a chuva e Clara Luz estava louca que a Gota voltasse. Felizmente a Fada-Mãe veio com uma novidade:

– Minha filha, hoje vem uma professora nova. Você vai ter a sua primeira aula de Horizontologia.

– O que é isso?

– É saber tudo sobre o horizonte. As crianças lá da Terra aprendem Geografia. As fadas aprendem Horizontologia.

– Acho que vou gostar dessa aula – disse Clara Luz.

O sininho da porta bateu: era a Professora que vinha chegando. Clara Luz correu ao encontro dela:

– Bom dia! Estou louca para aprender tudo sobre horizontes!

– Que bom! – respondeu a Professora. – Gosto de alunos assim entusiasmados.

A Professora era uma fada muito mocinha, que tinha acabado de se formar em professora de fadinhas. Sabia Horizontologia na ponta da língua.

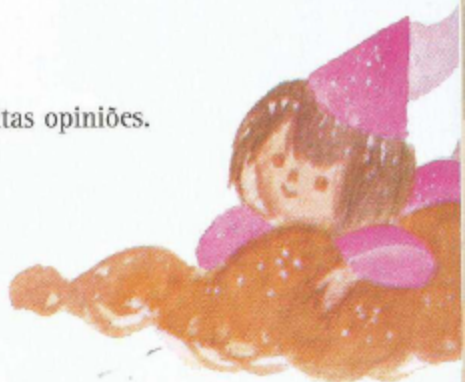
A Fada-Mãe ofereceu um cafezinho de pó-de-meia-noite e depois deixou Clara Luz e a Professora sozinhas.

– Muito bem – disse a Professora. – Primeiro quero ver o que você já sabe. Sabe alguma coisa sobre o horizonte?





– Saber, mesmo, não sei, não. Mas tenho muitas opiniões.  
 – Opiniões?  
 – É, sim. Quer que diga?  
 – Quero – respondeu a Professora,  
 muito espantada.  
 – A minha primeira opinião é que não  
 existe um horizonte só. Existem muitos.  
 – Está enganada – disse a Professora.  
 – Horizonte é só um!  
 – Eu sei que todos acham que é só um. Mas justamente vou  
 escrever um livro, chamado Horizontes Novos.  
 – Você vai escrever um livro? – perguntou a Professora, cada vez  
 mais admirada.  
 – Vou. Eu acho que criança também pode escrever livros, se quiser,  
 a senhora não acha?  
 – Acho, sim.  
 – Pois nesse livro eu vou dizer todas as minhas ideias sobre o  
 horizonte.  
 – São muitas? – quis saber a Professora.  
 – Um monte. Por exemplo: eu acho que nós duas não devíamos  
 estar aqui.  
 – Ué! Devíamos estar onde, então?  
 – No horizonte, mesmo. Assim, em vez da senhora ficar falando,  
 bastava me mostrar as coisas e eu entendia logo. Sou muito boa para  
 entender.  
 – Já percebi – disse a Professora.  
 – Tenho muita pena das professoras, coitadas, falam tanto!  
 – É verdade – respondeu a Professora, com um suspiro.  
 Clara Luz ficou muito contente:  
 – Então, se está de acordo, por que não vamos para o horizonte já?  
 A Professora levou um susto:  
 – Não pode ser!  
 – Por quê?  
 – Não sei se é permitido... Não foi assim que eu aprendi  
 Horizontologia no colégio...



– Por isso é que a senhora é tão magrinha.

– Hein?

– Coitada, levou anos aprendendo Horizontologia sentada!

A Professora levantou-se de repente:

– Sabe de uma coisa? Vamos!

Clara Luz ficou radiante:

– Eu sabia que ia gostar dessa aula.

E foram.

– Viu como é fácil ir? – perguntou Clara Luz, enquanto voavam, de mãos dadas.

– É mesmo. Nunca pensei que fosse tão fácil! – respondeu a Professora.

Ela passava o dia dando lições para sustentar a mãe, uma fada velhinha, que já não podia trabalhar nem fazer mágicas. Ganhava vinte estrelinhas por aula e não tinha tempo para passeios.

Agora, com o ar puro lhe batendo no rosto, estava até mais coradinha.

– A senhora é bem bonita, sabe? – disse Clara Luz.

– Acha? – perguntou a Professora com um sorriso.

Nisso, chegaram.

A Professora foi a primeira a pular sobre o horizonte.

Estava tão alegre que se esqueceu de que era professora e saiu aos pulos, com os cabelos voando:

– Viva! Estou no horizonte!

Clara Luz foi atrás, também muito contente.

Um navio ia justamente aparecendo no horizonte.

– Aproveite! – gritou Clara Luz.

A Professora aproveitou. Segurou o navio na mão, como se ele fosse um brinquedo.

O navio ia cheio de gente, que estava voltando da Europa, mas ninguém percebeu o que estava acontecendo. Só ficaram todos alegres. E o comandante resolveu dar um baile.

A Professora, em criança, nunca tivera brinquedos, porque era muito pobre. Ficou encantada:

– Olhe só, que gracinha! Estão dançando, lá dentro!



Ela se sentia como as crianças quando vão ao teatrinho de bonecos. Ficaram as duas se divertindo, muito tempo, com aquele teatrinho. Depois, a Professora colocou o navio no mar, com tanto cuidado que não levantou a menor ondinha.

E o navio, assim que saiu do horizonte, virou navio grande de novo, cheio de gente grande.

A Professora, agora, estava coradíssima e com os olhos brilhando. Ter um brinquedo tinha feito um bem enorme a ela.

— Vamos brincar de escorrega no arco-íris? — convidou Clara Luz.

Dessa vez a Professora nem se lembrou de pensar se seria permitido, ou não.

Foi logo subindo por um lado do arco-íris e escorregando pelo outro, com os braços para o ar:

— Lá vou eu!

No princípio, como não tinha prática, escorregava muito desajeitada e Clara Luz morria de rir.

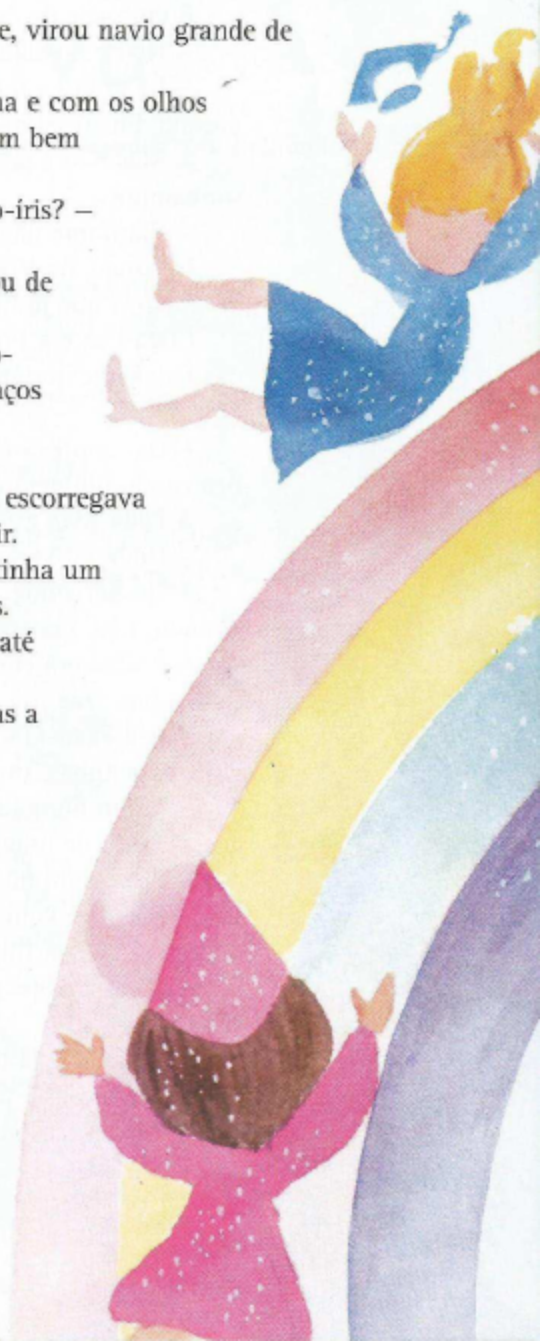
Mas logo se habituou e mostrou que tinha um jeitinho louco para escorregar no arco-íris. Escorregava de costas, de frente, em pé e até dançando.

Clara Luz fazia tudo para imitá-la, mas a verdade é que não conseguia tão bem.

Tinha acontecido uma mágica com o cabelo da Professora: agora estava dividido em duas tranças, igualzinho ao que ela usava quando tinha dez anos.

Clara Luz estava notando isso, mas não disse nada. A Professora ainda não tinha percebido o que lhe acontecera.

— Agora — disse Clara Luz — a senhora não quer dar uma espiada nos outros horizontes?



— Que outros, querida? Só existe um.

— Então olhe para lá!

A Professora, que só estava olhando para cá, concordou em olhar para lá, já que Clara Luz fazia questão.

E viu mais de dez horizontes, um depois do outro.

— Não é possível, Clara Luz! Estou vendo dez!

— É? Então a senhora é formidável em Horizontologia, mesmo. Eu só estou vendo sete.

— Mas não é possível, Clara Luz! Será que não estamos sonhando?

— Claro que não. Está sonhando é quem só vê um.

Lá longe, na Via Láctea, a Fada-Mãe tocou o sininho para avisar que já tinha acabado a lição.

Clara Luz e a Professora voltaram voando, rindo da cara das fadas que abriam as janelas e comentavam umas com as outras:

— Que professora, essa! Onde já se viu dar lição assim? Brincando no meio da aula!

A Fada-Mãe estava na porta, esperando por elas.

— Onde estiveram?

— No horizonte, mamãe. Essa professora não ensina falando, não. Ela ensina indo.

A Professora encabulou: só agora reparara que estava de trancinhas. Que iria pensar a Fada-Mãe?

Mas a Fada-Mãe não era boba: foi lá dentro e, em vez de vinte estrelinhas, trouxe trinta, para o pagamento.

— Muito obrigada — disse ela. — Nunca vi minha filha gostar tanto de uma lição.

— A Professora não quis receber:

— Não vou cobrar nada por essa aula. Eu é que aprendi muito com a sua filha.

— Não acredite, mamãe! Ela é a professora melhor que eu já tive.

A Fada-Mãe já tinha percebido isso. Insistiu em pagar as trinta estrelinhas e pediu à Professora que não deixasse de voltar, duas vezes por semana.





# A volta da Gota de Chuva

No dia seguinte, Clara Luz estava na sala brincando com Relampinho, que tinha ficado muito seu amigo.

Nisso, ouviu uma voz na janela:

— Clara Luz!

Olhou e viu a Gota, toda amarelinha e muito satisfeita.

— Até que enfim! — gritou Clara Luz. — Como você custou a se evaporar!

— Pensa que é fácil? Experimente evaporar-se para ver como é difícil.

E a Gota pulou para dentro, cheia de novidades:

— Tive uma sorte danada! Imaginem que caí numa floresta. Vocês nem podem calcular como foi! As fadas de lá disseram que nunca viram nada tão lindo como essa chuva colorida.

Clara Luz ficou contentíssima:

— É, mesmo?

— É, sim. Mas elas pensam que foi a Rainha quem mandou essa chuva. Eu não contei que foi você.

Clara Luz e Relampinho rolaram de rir:

— Imagine se elas descobrirem!

— Elas pensam que foi agradecimento da Rainha porque este ano elas fizeram uma primavera muito bonita.

— O que é primavera? — perguntou Relampinho, que ainda era muito ignorante.

— É uma coisa que há lá na Terra, de vez em quando. Uma espécie de festa — explicou Clara Luz.

— Pois este ano, as fadas da floresta capricharam na primavera — contou a Gota. — Eu ainda vi o fim. Cada flor maravilhosa!



Relampinho e Clara Luz suspiraram, com uma vontade louca de ir ver a primavera também.

— Então — continuou a Gota — as fadas pensam que essa chuva colorida a Rainha mandou para agradecer o esforço delas, lá na floresta.

— Como vão ficar tristes, se descobrirem que a Rainha nem viu primavera nenhuma! — disse Clara Luz. — Você fez muito bem em não contar que fui eu quem coloriu a chuva.

— Sei o que faço — respondeu a Gota, com ares importantes.

— Como foi, quando você chegou lá? — quis saber Clara Luz.

— Foi formidável! As árvores, as plantas, estavam todas enfeitadas de gotas de todas as cores. Parecia uma floresta de pedras preciosas. Os rios e as cachoeiras corriam roxos, cor-de-rosa, azuis. E as fadas dançavam entre as árvores, com a chuva colorida escorrendo pelos cabelos.

— Que beleza! — exclamaram Clara Luz e Relampinho.

— E na cidade? — quis saber Clara Luz. — Gostaram da chuva?

— As crianças gostaram muito. Os grandes não viram.

— Puxa! Não viram?

— Alguns viram, mas fingiram que não viram para os outros não pensarem que eles eram malucos.

— Ser maluco é ver? — perguntou Relampinho, que não estava entendendo nada.

Clara Luz e a Gota riram da carinha dele.

A Gota continuou a contar:

— Mas houve uma pessoa que detestou, mesmo, essa chuva. Ficou danada da vida!

— Quem?

— Uma bruxa, chamada Feiosa, que mora lá na floresta. Eu caí num riacho, o riacho foi me levando e acabei no quintal da casa dessa bruxa. Uma casa muito feia, caindo aos pedaços.

— Mas por que ela não gostou da chuva?

— Ela detesta coisas bonitas. Disse que vai mandar uma carta à Rainha, proibindo-a de colorir a casa dela.

— Vai dar uma confusão! — exclamaram Clara Luz e Relampinho, morrendo de rir.







— Quando cheguei, ela estava esfregando tudo com a vassoura para sair todo o colorido. Quando me viu, assim amarelinha, ficou furiosa e quis varrer-me. Foi aí que eu tratei de me evaporar e voltar.

A Fada-Mãe vinha entrando, nesse momento.

— De que estão falando, tão animados?

Clara Luz e a Gota contaram-lhe tudo.

A Fada-Mãe ficou preocupadíssima:

— Se essa bruxa mandar a carta, mesmo, eu nem sei o que vai acontecer! A Rainha até hoje não sabe da chuva colorida. Pela carta, vai ficar sabendo de tudo e vai querer descobrir quem alterou a chuva sem ordem dela.

— Mas, mamãe, essa chuva só vai trazer benefícios! Para o ano as fadas da floresta vão caprichar mais ainda na primavera. Ninguém gosta de fazer primavera à toa.

— Minha filha, isso não é da sua conta. Você precisa se convencer de que você não é a Rainha, ouviu?

— Sabe, mamãe, na minha opinião, tudo é da conta de todos. Justamente isto é que dá um trabalho.

A Fada-Mãe ficou olhando para Clara Luz:

— Minha filha, você não será muito pequena para ter tantas opiniões? Tenho medo que faça mal à sua saúde!

— Não se preocupe, mamãe. Desde os três anos de idade, eu comecei a ter opiniões. Agora estou com dez, de modo que tenho sete anos de prática.

— É... Isso é verdade... Você tem praticado bastante — concordou a Fada-Mãe.

Clara Luz, a Gota e Relampinho foram brincar no jardim.

A Fada-Mãe ficou espanando a poeirinha de prata dos móveis e pensando naquele assunto da bruxa:

— Agora a Rainha vai descobrir tudo, inclusive que Clara Luz nunca passou da Lição Um do Livro. Não sei o que vou dizer quando ela me chamar para dar explicações.





# As fadinhas brincam de modelagem



Estava um pôr de sol muito bonito, com nuvens cor de ouro e cor de fogo boiando pelo céu.

Clara Luz e as outras fadinhas brincavam de modelagem com as nuvens. Faziam elefantes, carneirinhos, camelos, pássaros e, às vezes, também, barcos e flores. Mas gostavam mais, mesmo, era de fazer bichos.

Na Terra as pessoas olhavam para o céu e diziam:

— Olha lá aquela nuvem! Parece uma girafa!

— E aquela outra parece um elefante!

Ninguém sabia que eram as fadinhas brincando lá no céu.

As mães, de vez em quando, vinham até a janela ver o que as meninas estavam fazendo. Viam que estavam brincando com modos e iam de novo para dentro.

Uma das fadinhas estava modelando um cavalinho cor de fogo. De repente veio o vento, bateu no cavalinho e ele saiu galopando pelo céu, com a crina voando.





Todas bateram palmas de alegria:

– Também quero que a minha girafa corra!

– E o meu camelo também!

Começaram todas a chamar o vento. Mas não adiantou. Ele já tinha ido embora e não ia voltar naquele dia.

– Sei de uma mágica para fazer todos esses bichos correrem – disse Clara Luz.

– Conte! Conte como é, Clara Luz!

– Vocês vão ter que fazer tudo de novo. Não vale fazer de qualquer maneira. Tem que ser assim: vocês vão modelando e vão pensando: “vou fazer a melhor modelagem da minha vida”.

– E depois?

– Depois acontece a mágica. É só isso.

– Ah! É fácil.

E as fadinhas correram para fazer aquela mágica. Foi uma trabalhadeira.



Não era nada fácil como parecia no princípio. Mas de repente todas as fadinhas começaram a dizer para os seus trabalhos:

– Gosto de você como se você fosse meu filho!

O interessante era que elas gostavam deles assim justamente porque tinham dado tanto trabalho. Parecia até maluquice, mas não era maluquice, não: era mágica.

De repente os bichos todos saíram galopando pelo céu.

E o melhor era que estavam com voz: os cavalos relinchavam, os leões urravam, os pássaros cantavam.

Ouvindo aquela barulheira, as mães vieram para a janela, ver o que era:

– Que horror! Vizinha! Vizinha! O céu virou jardim zoológico!

– Não diga! Que perigo, meu Deus! E nossas filhas que estão lá fora, no meio das feras!

Começaram todas a gritar pelas filhas:

– Venham já para dentro!

As filhas não queriam entrar:

– Mas, mamãe, logo agora, que a brincadeira está ficando boa!

– Que boa o que, menina! Quer ser devorada por algum leão?

– Mas, mamãe, fui eu que fiz esse leão. Ele não morde.

– Morde, sim senhora. Entre já, estou dizendo!

As fadinhas foram entrando, emburradas:

– Puxa, não posso fazer nada, que coisa!

– Mas, minha filha, você não tem medo nem de leão?

– Eu não, mamãe. Já disse que fui eu que fiz!

As mães não queriam acreditar:

– Minha filha disse que fez um leão – contou uma para a outra, na janela.

– E a minha disse que fez um pássaro, que canta e tudo.





— Não é possível. Elas ainda nem aprenderam a fazer tapete mágico direito!

A outra pensou um pouco e depois decidiu:

— Nossas filhas não sabem fazer leão, pronto. Está acabado.

As fadinhas, dentro de suas casas, estavam todas na maior choradeira:

— Sei fazer leão, sim. Já disse que sei!

— Não quero aprender a fabricar tapete mágico! Sei fazer coisa que vive e tem voz!

As mães tentavam convencer as filhas:

— Mas, querida, tapete mágico é muito útil. Que diferença faz se tem voz ou não tem voz?

— Faz muita diferença! Faz uma diferença enorme! — respondiam as fadinhas, soluçando.

A mãe da que fizera uma girafa não sabia mais o que pensar:

— Que será que essas meninas têm hoje, meu Deus? — perguntava ela, aflita, para as vizinhas. — Nunca vi ninguém chorar tanto por causa de uma simples girafa!

Ouvindo isso, a fadinha chorou mais ainda:

— Minha girafa não é simples! Ninguém nesta casa entende a minha girafa. Sou muito infeliz!

E foi se trancar no quarto para chorar sozinha.

Que luta para as fadinhas se consolarem! Só depois que anoiteceu, a última filha acabou de chorar.

As mães se reuniram de novo na janela.

— Eu acho que é tudo verdade mesmo — disse uma delas. — Nossas filhas sabem muito mais coisas do que nós pensamos.

Todas ficaram caladas, refletindo sobre aquilo.

— No nosso tempo — disse uma — aprendíamos a fabricar tapete mágico e ficávamos muito contentes com isso.





– É mesmo – concordaram as outras.

Mas uma das mães, que era muito sincera, interrompeu:

– Eu não ficava nada contente em fabricar tapete mágico.

Aí todas se lembraram:

– Eu também não ficava nada contente!

– Eu detestava tapete mágico!

– Eu até hoje detesto desencantar princesa!

– Eu, para falar a verdade, detesto todas as lições do Livro!

Foi uma gritaria. As mães falavam todas ao mesmo tempo:

– Eu daria tudo para aprender a fazer um leão, nem que fosse dos pequenos!

– Eu quero fazer um papagaio, mas tem que falar de verdade, senão não serve!

Com o barulho que as mães fizeram, as filhas, que já estavam dormindo, acordaram e vieram ver o que era:

– Que foi, mamãe? Por que você está gritando tanto?

– É que eu quero aprender a fazer um leão! Estou louca para aprender a fazer leão! E quero que seja cor de ouro!

Foi a vez das filhas consolarem as mães:

– Está bem, mamãe. Não precisa se aborrecer. Amanhã eu ensino você a fazer, ouviu?

– Tem que ser amanhã bem cedinho! – exigiram as mães, batendo o pé.

– Não sei por que tanta pressa – espantaram-se as filhas.

– Já perdi muito tempo! Quero que seja assim que o sol raiar!

As filhas, que estavam com muito sono, prometeram ensinar assim que o sol aparecesse.

Mas no dia seguinte as mães estavam muito encabuladas:

– Que mau exemplo nós demos, ontem de noite!

– É mesmo! Se a Rainha soubesse que até falamos mal do Livro!

– É melhor fingirmos que esquecemos toda a história.

E foram cuidar do seu serviço, como se nada tivesse havido. As filhas compreenderam:

– Coitada de mamãe. Está com vergonha de ter querido fazer um leão cor de ouro.

E não falaram mais no assunto.

# Visita à Dona Relâmpaga

— Estou com vontade de organizar um teatro aqui no céu. Achar que é boa ideia? — perguntou Clara Luz a Vermelhinha e à Gota, alguns dias depois.

— Quero ser a artista principal! — gritou logo Vermelhinha.

— Não. Eu é que vou ser — disse a Gota.

— Então não entro — respondeu Vermelhinha.

— Melhor. Não faz falta nenhuma.

Já ia começar a briga das duas. Mas Clara Luz explicou à Gota:

— Vai ser um balé só de estrelas cadentes. Desta vez, você não vai poder entrar.

Vermelhinha pôs a língua para a Gota:

— Bem feito, sua amarelenta!

— Cara de tomate amassado! — respondeu a Gota.

Clara Luz interrompeu:

— Você vai me ajudar a organizar a festa — disse ela para a Gota.

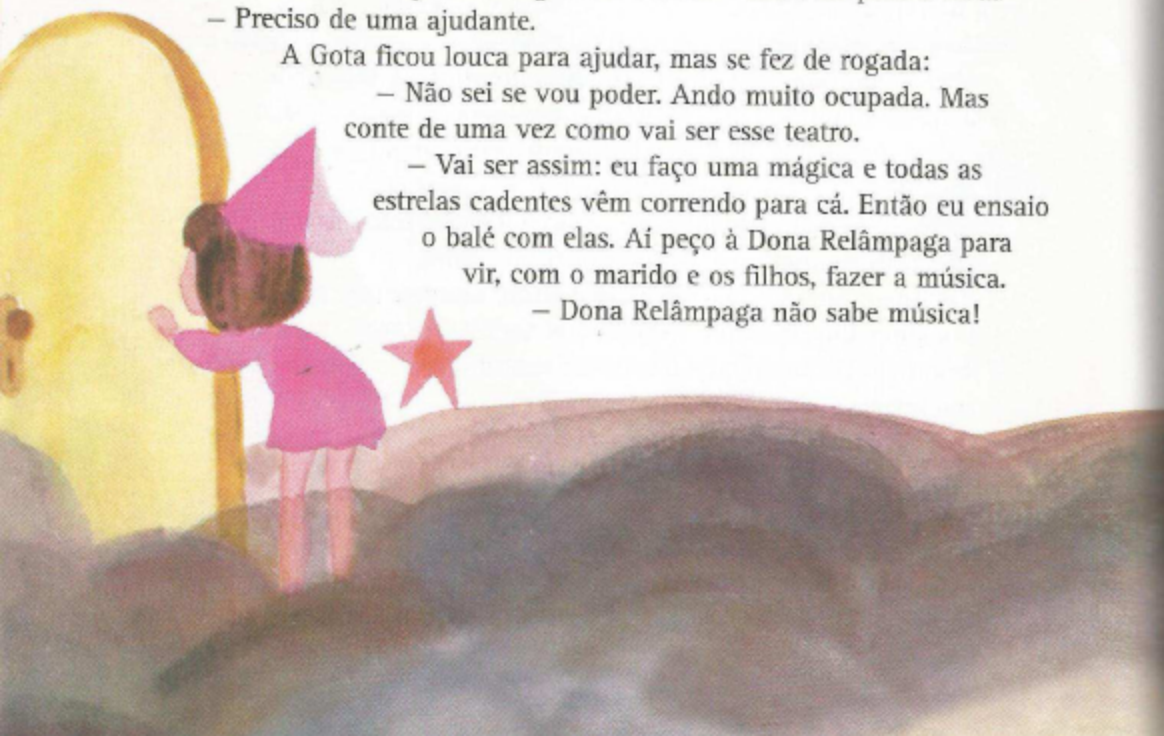
— Preciso de uma ajudante.

A Gota ficou louca para ajudar, mas se fez de rogada:

— Não sei se vou poder. Ando muito ocupada. Mas conte de uma vez como vai ser esse teatro.

— Vai ser assim: eu faço uma mágica e todas as estrelas cadentes vêm correndo para cá. Então eu ensaio o balé com elas. Aí peço à Dona Relâmpaga para vir, com o marido e os filhos, fazer a música.

— Dona Relâmpaga não sabe música!





– Não sabe agora, mas vou ensaiar e eles vão acabar sabendo.  
Todos naquela família têm uma voz muito bonita.

– Bom, eu ajudo – disse a Gota. – Mas só desta vez. Outra festa que você der, quero ser a artista principal.

Clara Luz prometeu.

– Então vamos já à casa de Dona Relâmpaga, convidá-la para cantar na festa – propôs a Gota.

Foram. Dona Relâmpaga morava num lugar muito alto do céu, numa casa preta, cheia de corredores escuros.

Vermelhinha e Clara Luz, que já eram amigas dela, não tiveram medo nenhum.

Mas a Gota, quando viu aquele pretume de casa, não quis entrar:

– Podem ir vocês duas. Eu estou com calor e vou ficar aqui fora, tomando fresco.

– Há! Há! – riu Vermelhinha. – Você está é com medo.

– Medo? Lembre-se de que eu sou uma gota de chuva e já andei nas maiores tempestades.

– Que mentira! Nunca vi você em tempestade nenhuma.

Uma voz trovejou, lá dentro dos corredores:

– Quem está aí?

A Gota quase morreu de susto. Era a voz do Senhor Relâmpago, que falava ainda mais grosso que Dona Relâmpaga.

– Somos nós, Senhor Relâmpago. Podemos entrar? – perguntou Clara Luz.

– Oh! As amiguinhas do meu filho! Entrem! Entrem!

E o Senhor Relâmpago veio abrir a porta.

Que barulheira fazia aquela porta para abrir! Era um barulho de mil trovoadas.

A Gota não estava com vontade nenhuma de entrar, mas entrou só para fazer pirraça a Vermelhinha.

Dona Relâmpaga veio lá de dentro, soltando faíscas de alegria:

– Queridas! Que prazer! Vocês vão jantar conosco!



Na casa de Dona Relâmpaga só se jantava fogo. Clara Luz sabia disso, de modo que disfarçou:

— Fica para outro dia, Dona Relâmpaga. Hoje não posso. Mamãe está me esperando. Vim só para fazer um convite.

— Que bom! Adoro convites!

— É para a senhora e toda a sua família cantarem na minha festa.

O Senhor Relâmpago soltou uma grossa gargalhada:

— Minha boa menina, eu não sou cantor nem nunca fui. Eu só sei berrar.

— Justamente. Eu tenho observado os seus berros e descobri que o senhor tem uma voz muito bonita. Então resolvi fazer um teatro com o senhor e a sua família cantando.

O Senhor Relâmpago quase caiu para trás, de tanto rir. O riso dele era tão forte que fazia a casa toda tremer.

— Que ideia de menina! Eu agora, depois de velho, virar artista de teatro!

— Por que não, Senhor Relâmpago? E depois, o senhor não está tão velho assim. Acho o senhor ainda bem moço.

— Minha filha, quando eu era moço descia à Terra e derrubava um carvalho de uma vez só. E ainda voltava a tempo para jantar, com a mulher e as crianças.

— Pois é. Mas agora chega. Agora o senhor precisa aproveitar a sua bonita voz.

O Senhor Relâmpago rebolou-se de rir:

— Que menina! Quando ela cisma com uma coisa!

Dona Relâmpaga estava louca para cantar na festa:

— Aceite, querido! Você precisa se distrair!

— Até você, mulher? Não tem juízo na cabeça?

Mas tanto Dona Relâmpaga e Clara Luz insistiram, que ele acabou aceitando:

— Está bem, está bem, então vou. Mas não se queixem se eu estragar a festa. Já disse que não sei cantar.

Clara Luz deu pulos de alegria:

— Muito obrigada, Senhor Relâmpago! Vai ser a festa mais interessante que já houve aqui no céu. Então amanhã de tarde eu volto aqui para ensaiarmos.



Dona Relâmpaga foi levar as meninas até o portão:

— Adeus, queridinhas! Vão direitinho para casa.

— Que família simpática! — comentou a Gota. — Hoje descobri que não se deve ter medo de ninguém só pelo barulho.

Faltava ainda combinar com as estrelas cadentes. Clara Luz fez uma mágica e elas vieram correndo. Só houve uma complicação: todas queriam ser a bailarina principal.

— Não vai haver isso — disse Clara Luz. — Justamente o bonito, no meu balé, é que tudo vai ser principal.

As estrelas não entenderam bem, mas, para não parecerem bobas, fingiram que entenderam e pararam a briga.





# O teatro de Clara Luz

— Mamãe, hoje ponha o seu vestido mais bonito, que vai haver uma surpresa — disse Clara Luz.

— Surpresa? Aposto que você convidou algumas amiguinhas para virem brincar e tomar refresco de orvalho.

Será isso?

— Nada disso. Muito mais interessante.

À noite, a Fada-Mãe pôs o seu vestido mais brilhante para fazer a vontade de Clara Luz.

— Mamãe, que beleza! Você até está parecendo a Fada das Sete Madrugadas!

— Quem é essa? Não me lembro dela!

— É uma fada que eu inventei.

A Fada-Mãe começou a rir:

— Fada não se inventa, minha filha. Fada existe ou não existe.

— Pois eu inventei a Fada das Sete Madrugadas agorinha mesmo e aposto que ela já está existindo. Mas vamos logo, senão chegamos atrasadas.

— Vamos onde, querida? A surpresa não é aqui em casa mesmo? Clara Luz riu:

— Não, mamãe. A surpresa é no céu inteiro.

A Fada-Mãe ficou com um pouco de falta de ar:

— Minha filha, como é mesmo aquilo que você explica e que eu melhoro da falta de ar?



Clara Luz explicou e a Fada-Mãe melhorou logo.

Saíram. Todas as fadas, que tinham vindo para a festa, já estavam nas arquibancadas de nuvens, que Clara Luz tinha feito.

Era lindo vê-las, com seus vestidos dourados, prateados, azulados, sentadas nas nuvens, esperando a festa. As filhas não paravam de se remexer e de trocar de lugar.

Assim que a Fada-Mãe se acomodou, ouviu-se uma forte trovoadas. O Senhor Relâmpago, Dona Relâmpaga e os cinco filhos entraram e cumprimentaram, como artistas de teatro.

— Cuidado com essa família, que é muito perigosa! — exclamaram algumas fadas, que não conheciam Dona Relâmpaga e não sabiam como ela era simpática.

Mas o Senhor Relâmpago começou a cantar. Quem fizera a canção fora Clara Luz.

Contava todas as viagens do Senhor Relâmpago, pelas montanhas, cidades e mares. E terminava assim:

*Derrubei carvalhos e queimei florestas.  
Quando eu era moço, não queria festas.  
Mas de incendiar, já estou enjoado.  
Quero festejar, que é mais engraçado!*

— Muito bem! Muito bem! Viva o Senhor Relâmpago! — aplaudiram as fadas, que nunca tinham reparado que bela era a voz do Senhor Relâmpago.

Ninguém mais estava com medo da família Relâmpago.

Logo em seguida, o Senhor Relâmpago, Dona Relâmpaga e os cinco filhos começaram a cantar em coro.

Era a hora do balé de estrelas cadentes.

De todos os cantos do céu, começaram a surgir estrelas, rodopiando.

Só quem já viu um balé de estrelas cadentes, com coro de relâmpagos, pode fazer ideia da beleza que é.

As fadas choravam de emoção.

Mas o ponto mais maravilhoso do bailado foi quando surgiu a Fada das Sete Madrugadas e começou a dançar com as estrelas.

A família Relâmpago cantou:

*Sete são as madrugadas,  
poderiam ser setenta.  
As coisas que a gente inventa  
são sempre bem inventadas.*

A Professora de Horizontologia, que estava entre as fadas convidadas, começou a cantar também:

*Mora no oitavo horizonte  
um grande leão dourado.  
Isso não é muito longe:  
é mesmo aqui, ao meu lado.*

Na mesma hora o leão dourado apareceu, sacudindo a juba cor de ouro, e ajoelhou-se, para a Professora montar nele.

Relampinho, entusiasmado, cantou sozinho:

*Passarinho de três asas  
não é nenhuma bobagem.  
Quem inventar um assim  
é pessoa de coragem.*

Aquele passarinho, que Clara Luz tinha feito com o bule, veio voando e pousou no ombro dela:

— Sabe de uma coisa? Estou arrependido de ter querido só duas asas. Você não poderia fazer uma mágica e tornar a me pôr a terceira asa?

— Eu não. Bem feito para você. Perdeu a ocasião de ser o único passarinho de três asas que já existiu.

— Mas é que, naquele tempo, eu não sabia que isso é formidável.

— Bom, vou fazer a mágica. Mas depois não se queixe, senão eu torno a transformar você em bule.

Clara Luz fez a mágica e o passarinho, contentíssimo, ficou por ali, esvoaçando. Dessa vez foi a Fada-Mãe quem se levantou e cantou:

*Não há mágica malfeita.  
Quando a filha põe três asas  
e é a mãe que endireita,  
a mãe é que está errada,  
pois só quem fez a invenção  
manda na coisa inventada.*





As fadinhas aplaudiram muito a mãe de Clara Luz. As fadas grandes ficaram na dúvida se batiam palmas ou não.

— Então eu não posso consertar as mágicas erradas da minha filha, ora essa? — perguntou uma.

— É claro que não. Mágica não se conserta — respondeu outra. E começou a aplaudir a mãe de Clara Luz.

Aí as outras fadas se decidiram também. Foi uma salva de palmas. A Fada-Mãe, que estava linda com o seu vestido mais brilhante, agradecia sorridente. A Professora de Horizontologia passeava pelo céu, montada no leão dourado. A Fada das Sete Madrugadas começou a fazer madrugadinhas pequenas, espalhadas pelos recantos do céu.

As convidadas começaram a sair das arquibancadas para tomar parte na festa. Choviam estrelas cadentes por todos os lados.

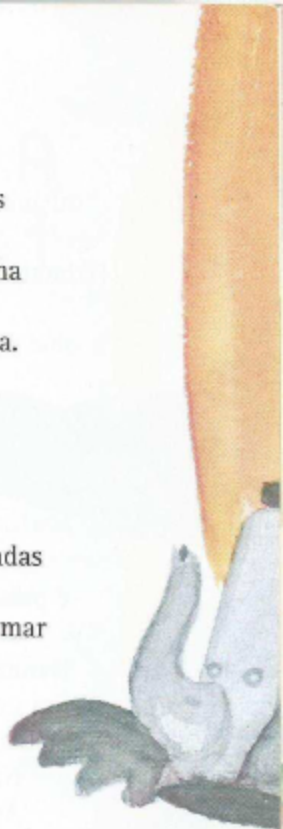
A família Relâmpago cantou:

*Não há nada mais bonito  
que inventar em liberdade  
e só tem a vida alegre  
quem sabe dessa verdade.*

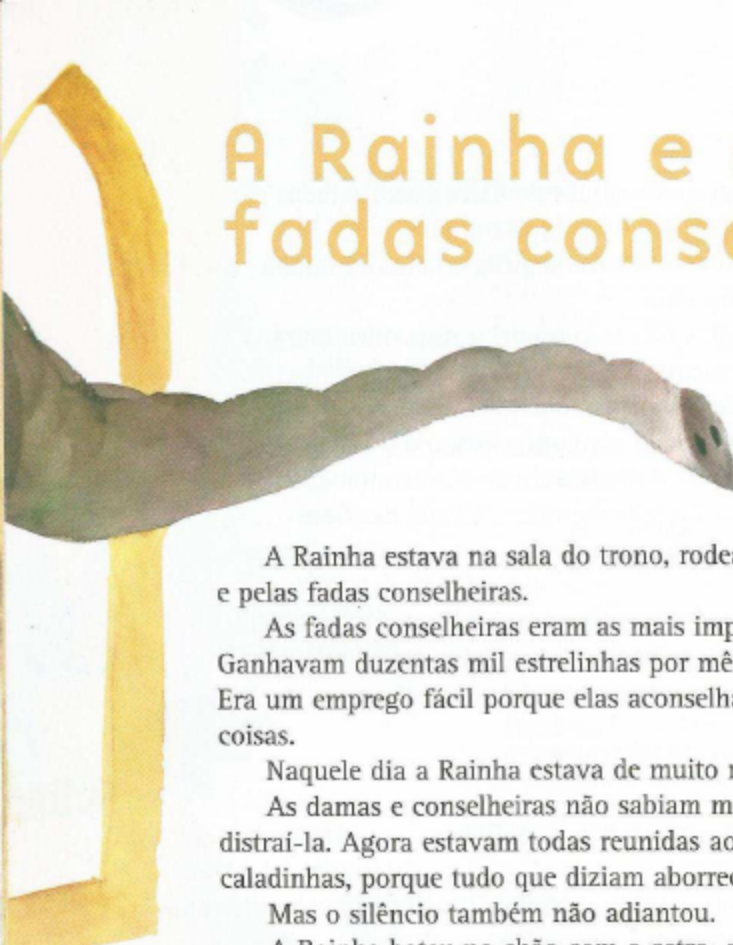
De repente todos os bichos que as fadinhas tinham feito naquela tarde vieram galopando do horizonte.

As fadas menores deram gritos de alegria. As mães ficaram sem saber o que fazer.

Os bichos passaram galopando, mas não pararam. Estavam indo para o palácio da Rainha.



# A Rainha e as fadas conselheiras



A Rainha estava na sala do trono, rodeada pelas damas de honra e pelas fadas conselheiras.

As fadas conselheiras eram as mais importantes da corte. Ganhavam duzentas mil estrelinhas por mês, só para dar conselhos. Era um emprego fácil porque elas aconselhavam sempre as mesmas coisas.

Naquele dia a Rainha estava de muito mau humor.

As damas e conselheiras não sabiam mais o que fazer para distraí-la. Agora estavam todas reunidas ao redor do trono, muito caladinhas, porque tudo que diziam aborrecia a Rainha.

Mas o silêncio também não adiantou.

A Rainha bateu no chão com o cetro, que é uma espécie de bengala que as rainhas usam:

— Façam alguma coisa! — berrou ela.

— Mas o que Vossa Majestade quer que façamos? — perguntaram as fadas, gaguejando de tão atrapalhadas. — Diga e faremos!

A Rainha não sabia o que queria, de modo que ficou mais furiosa ainda. Então berrou para as conselheiras:

— Vocês não são conselheiras? Que estão esperando? Aconselhem!

— Mas aconselhar sobre que assunto, Majestade?

— Não interessa! Aconselhem imediatamente ou serão despedidas.

Com medo de perder as duzentas mil estrelinhas por mês, as conselheiras trataram de aconselhar a toda pressa:

— Eu aconselho juízo, capricho na caligrafia e nunca pôr os cotovelos em cima da mesa! — disse a primeira, muito afobada.



– Eu aconselho cuidado com a saúde, porque a saúde em primeiro lugar! – disse a segunda, com uma reverência.

– Eu aconselho que se faça, sem pensar, tudo que a Rainha mandar! – disse a terceira, rimando sem querer.

– Eu aconselho muita disciplina e aconselho que Vossa Majestade arranje um apito – disse a quarta.

– Um apito para quê? – berrou a Rainha.

– Porque sempre é mais fácil conseguir disciplina com um apito.

A Rainha ficou vermelha de raiva:

– Nunca ouvi conselhos mais idiotas na minha vida! Aconselhem direito ou deixarão de ser conselheiras, hoje mesmo!

– Mas, Majestade, o que é aconselhar direito? – perguntaram as fadas, tremendo de medo.

– Se eu soubesse não precisaria de conselheiras na corte!

– gritou a Rainha. – Quem tem obrigação de saber são vocês.

As fadas, muito nervosas, trataram de combinar, em voz baixa, o que iam fazer:

– Vamos experimentar aconselhar tudo ao contrário, para ver se ela gosta – decidiram elas, afinal.

– Majestade, pensando melhor, eu aconselho que todos saiam por aí, virando cambalhotas e quebrando o que estiver no caminho – disse a primeira.

– E eu – disse a segunda – aconselho falta de disciplina, nunca pentear os cabelos e pisar o pé do vizinho sempre que for possível.

A Rainha atirou o cetro em cima das conselheiras, que fugiram para o outro lado do salão:

– Estão despedidas! Desapareçam das minhas vistas imediatamente!

Nesse momento, uma tromba de elefante entrou pela janela.

– Que está acontecendo neste palácio? – gritou a Rainha. – Enxotem essa tromba imediatamente!



As damas de honra, que não tinham sido despedidas, atreveram-se a dizer:

— Majestade, vai ser muito difícil enxotar essa tromba, porque atrás da tromba deve haver um elefante.

— Não digam tolices! Não pode haver elefante nenhum aqui no céu, porque eu nunca dei licença para haver.

As damas de honra baixaram os olhos:

— Isso é verdade, Majestade. Então, com certeza, estamos enganadas.

Nesse instante ouviu-se um relincho e um cavalinho cor de fogo entrou galopando no salão. Logo atrás dele veio uma girafa, muito engraçada, que parecia ser ainda filhote.

As damas de honra correram para as janelas e avisaram para dentro, assustadas:

— Está vindo uma quantidade de bichos! Até leão!

— Fechem tudo! — berrou a Rainha. — Que estão esperando?

As damas e conselheiras correram para fechar. Quando chegou a vez da janela do elefante, não foi possível. Por mais que pedissem, com bons modos, para ele tirar a tromba, o elefante não dava a menor confiança.

A Rainha atirou-lhe o cetro em cima, mas, pela primeira vez, isso não adiantou nada. Ao contrário. O elefante, curioso, enfiou a cabeça toda na janela, para ver o cetro de perto.

— Esse elefante está despedido! — berrou a Rainha.

Mas o elefante, como não ganhava duzentas mil estrelinhas por mês, não se importou nada de estar despedido.

Enquanto isso, lá fora, ouviam-se as vozes dos outros bichos, que estavam querendo entrar no palácio.

— Que faremos, Majestade? — perguntaram as damas de honra.

— Perguntem às conselheiras! Que adianta haver conselheiras na corte se, nessas ocasiões, elas não aconselham nada?

— Elas foram despedidas, Majestade. Lembra-se?

— Não me lembro de nada. Chamem as conselheiras imediatamente!

As conselheiras, contentíssimas por não terem perdido o emprego, apressaram-se a vir aconselhar:

— Eu aconselho que se faça de conta que esses bichos não existem — disse uma.



— Eu aconselho que se mande construir uma jaula, para prender todos eles — disse outra.

— Enquanto se constrói a jaula, que faremos com os bichos? — perguntou a Rainha.

A segunda conselheira não soube responder.

A Rainha ia ter um acesso de raiva, mas o teto do palácio se abriu e entrou voando a Fada Mensageira.

A Fada Mensageira era o correio da Rainha. Tinha aquele hábito: entrava sempre pelo teto.

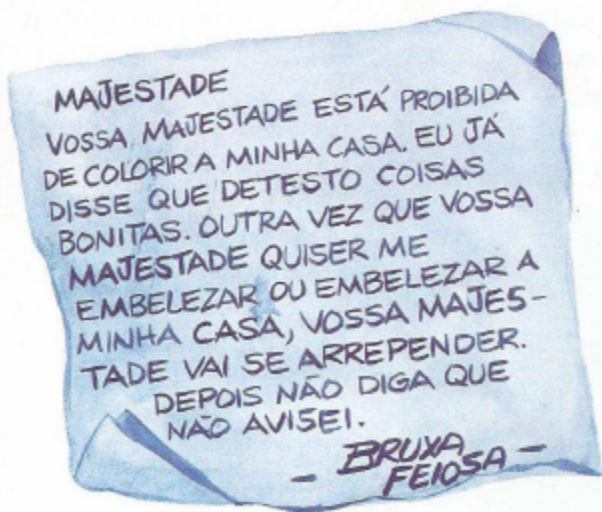
— Até que enfim uma fada útil neste palácio! — exclamou a Rainha.

— Essa, pelo menos, faz alguma coisa! Traz muitas cartas?

— Não, Majestade. Desta vez só trago uma. Vem da Terra e parece muito esquisita.

E entregou à Rainha um envelope todo amarrutado.

A Rainha abriu-o e leu a seguinte carta:



MAJESTADE  
VOSSA MAJESTADE ESTÁ PROIBIDA  
DE COLORIR A MINHA CASA. EU JÁ  
DISSE QUE DETESTO COISAS  
BONITAS. OUTRA VEZ QUE VOSSA  
MAJESTADE QUIER ME  
EMBELEZAR OU EMBELEZAR A  
MINHA CASA, VOSSA MAJES-  
TADE VAI SE ARREPENDER.  
DEPOIS NÃO DIGA QUE  
NÃO AVISEI.  
— BRUXA FEIOSA —





— Quem é essa maluca? — quis saber a Rainha. — Que bobagem é essa de colorir casa? Não estou entendendo nada!

As damas e conselheiras, que sabiam de tudo sobre a chuva colorida, começaram a pensar depressa o que iam dizer para disfarçar.

Foi quando a porta do salão caiu. A bicharada, que estava lá fora, tinha conseguido derrubá-la.

Até a Rainha, que já era velha, pulou do trono e saiu correndo com a coroa na mão.

Um leão dourado correu atrás dela, como quem quer dar alguma notícia. A Rainha não entendeu isso e jogou-lhe a coroa no focinho.

O leão, ofendido, foi-se embora e a Rainha avisou as outras fadas:

— Estão todas proibidas de desmaiar!

As fadas, que iam justamente desmaiar naquela hora, não tiveram outro remédio senão continuar a correr.

Foi tolice tanta correria. Os bichos só queriam ver como era um palácio por dentro. Depois que viram tudo, saíram, galopando, sem fazer estrago nenhum.

Mas uma Rainha, quando é obrigada a descer do trono correndo, e ainda por cima com a coroa na mão, não pode perdoar isso nunca.

As fadas viram que ia acontecer alguma coisa muito séria. De sobranceiras franzidas e com um olhar terrível, a Rainha ordenou às damas de honra:

— Mandem chamar todas as fadas do céu para uma reunião aqui no palácio, amanhã, às dez horas da noite.

— Só as mães, ou as filhas também, Majestade? — perguntaram as damas, torcendo para que fossem só as mães.

— Todas — disse a Rainha. — Eu disse todas. Amanhã descobrirei o motivo desses transtornos que estão acontecendo aqui no céu. E agora nem mais uma palavra! Retirem-se!





# Reunião no palácio

Todas as fadas do céu estavam reunidas no salão do palácio, esperando a Rainha. O medo era tão grande que só se falava cochichando. Todas tinham estado na festa de Clara Luz. E fora durante a festa que os bichos tinham saído do horizonte e invadido o palácio.

Clara Luz estava sentada entre a Fada-Mãe e a Professora de Horizontologia.

— Minha filha, é melhor você não dizer nada. Deixe que eu e a Professora falamos, ouviu? — aconselhou a Fada-Mãe, muito pálida.

Quando a Rainha entrou, seguida pelas conselheiras e damas de honra, fez-se um silêncio profundo.

A Rainha acomodou-se no trono e depois olhou para as fadas, uma por uma.

Queria ver quem estava com cara de culpada.

Mas, como todas estavam com cara de culpadas, ela ficou na mesma. Então berrou:

— Quem não tiver culpa fica proibida de fazer cara de culpa!

Mas nisso, descobriu, lá no fim da sala, uma fada pequena, com uma cara muito lampeira.



– Levante-se, menina. Você é a única que está com cara diferente. Como é o seu nome?

– Clara Luz, Majestade.

– Por que está com cara diferente?

A Fada-Mãe quis responder pela filha:

– A cara dela é assim mesmo, Majestade. Não repare.

– Reparo no que quiser – respondeu a Rainha. – E ninguém pediu a sua opinião. Cale-se!

E com isso, felizmente, esqueceu-se da cara de Clara Luz.

As fadas respiraram aliviadas.

– Minha filha, por favor, se ela mandar você falar, fale o menos possível, sim? – pediu a Fada-Mãe.

– Agora – disse a Rainha, tirando do bolso a carta da Bruxa Feiosa – eu quero que me expliquem por que essa maluca me escreveu esta carta. E depois quero saber de onde veio a bicharada que invadiu o palácio ontem à noite. Se esses dois assuntos não ficarem bem explicados, vocês todas estão despedidas do céu.

As fadas estavam habituadíssimas a serem despedidas pela Rainha. Mas dessa vez não entenderam bem:

– Despedidas do céu, Majestade? – gaguejaram elas.

– Exatamente. Quero tudo bem explicado, ou dentro de dois dias não haverá mais nenhuma fada morando aqui no céu. Só eu e as minhas damas e conselheiras que, aliás, não servem para nada.

As damas e conselheiras fizeram uma reverência, agradecendo. As outras fadas ficaram desesperadas:


– Mas, Majestade! Para onde vamos nos mudar, assim de uma hora para outra?

– Isso é com vocês. Expliquem tudo ou serão despejadas.

Ninguém se atrevia a explicar nada. No meio daquelas caras de medo, a única diferente era a de Clara Luz. A Rainha logo notou isso:

– Levante-se, menina. Que cara de coragem é essa que você está fazendo?

– Desculpe, Majestade, mas não posso dizer. Mamãe me pediu para falar o menos possível. De modo que, se Vossa Majestade permitir, vou tornar a me sentar.



— Não permito, não! Fique em pé e fale o mais possível.

— Não posso, Majestade. Entre Vossa Majestade e mamãe, gosto muito mais de mamãe, que eu conheço há muito mais tempo.

Todas pensaram que a Rainha ia atirar o cetro em cima de Clara Luz.

— Obedeça à Rainha, minha filha — disse a Fada-Mãe, aflita. — Fale!

— Pois não, para mim não custa nada, porque gosto muito de falar. O que é mesmo que Vossa Majestade quer saber?

— Explique imediatamente a sua cara de coragem, menina!

— Bem, Majestade, deve ser por duas razões: a primeira é que não me importo de ser despejada. Para mim tanto faz morar no céu ou em outro lugar. A segunda é que posso contar tudo sobre a carta de Feiosa e a invasão dos bichos.

Ouvindo isso algumas fadas desmaiaram, apesar de saberem que era proibido desmaiar no palácio. A Fada-Mãe quis falar, mas a Rainha não deixou:

— Sua filha sabe muito bem se explicar sozinha. Fale menina. Comece pela carta da bruxa.

— Não sei o que ela diz na carta, mas com certeza está fazendo queixa porque coloriram a casa dela. Não é isso?

— Como sabe? — perguntou a Rainha.

— Sei porque quem coloriu fui eu. Quer dizer, eu propriamente não. Eu colori a chuva e a chuva coloriu a casa dela.

— Como? Você coloriu a chuva? Não estou entendendo.

— Isso mesmo, Majestade. Colori a chuva de diversas cores, para ver como ficava. E ficou lindo. As fadas lá da Terra gostaram muito.

— Devo estar sonhando — disse a Rainha. — Tudo isso, que essa menina está dizendo, só pode ser sonho meu.



— Não é sonho não, Majestade. Eu, justamente, não gosto de sonhos. Em vez de sonhar com um leão dourado, prefiro fazer um leão dourado.

— Menina! Foi você que fez aquele leão que correu atrás de mim?

— Não, Majestade. Aquele, infelizmente, não fui eu que fiz. Aquele foi a Professora de Horizontologia que descobriu. No dia em que nós fomos ao horizonte, ela descobriu que ele morava no oitavo.

— No dia em que vocês foram onde, menina?

— Ao horizonte, Majestade.

— Impossível. Horizonte é lugar para se ver de longe, não é lugar para se ir.

— Por que, Majestade?

A Rainha não soube responder, então deu um berro:

— Porque é proibido e acabou-se!

— Vossa Majestade queira desculpar, mas eu não sabia que era proibido. Agora, se Vossa Majestade der licença, tenho uma opinião para dar sobre esse assunto.

— Não dou licença nenhuma! Sente-se imediatamente!

Clara Luz sentou-se. A Rainha não resistiu à curiosidade:

— Levante-se! Dê a opinião imediatamente!

— Majestade, a Gota Amarela, que já esteve na Terra muitas vezes, sempre me conta histórias de lá. Um dia ela me contou que houve um rei, lá no Brasil, chamado D. João VI, que abriu os portos.

— E daí? — interrompeu a Rainha. — Que é que tem isso com o horizonte?

— Tem muito, Majestade. Minha opinião é essa: se D. João VI, que não era fada, pôde abrir os portos, por que Vossa Majestade não pode abrir os horizontes?



A Rainha ficou olhando, muito séria, para Clara Luz.

– Vossa Majestade, que é a Rainha das Fadas, vai querer ficar atrás de D. João VI?

– Nunca! Não admito que nenhum rei ou rainha passe à minha frente!

– Nesse caso Vossa Majestade não tem outro remédio senão abrir os horizontes.

A Rainha ficou na maior dúvida. Por um lado, estava com uma inveja danada de D. João VI. Por outro lado, não queria abrir os horizontes de jeito nenhum.

Afinal resolveu ter um acesso de raiva:

– Quem é que manda neste céu, afinal de contas? Que mais essa menina fez? Que mais? Aposto que fez ainda muito mais coisas e ninguém me contou.

– Fiz sim, Majestade. Felizmente, apesar de ter só dez anos, já fiz montes de coisas.

– Continue a falar – gritou a Rainha. – Que mais você fez? Sou capaz de apostar que fez todos aqueles bichos que invadiram o palácio. Estou vendo que só pode ter sido você.

– Não, Majestade, eu não poderia fazer aquela bicharada sozinha. Nós todas fizemos juntas.

– Nós todas quem?

– As filhas todas. De noite, as mães ficaram loucas para entrar na brincadeira, mas no dia seguinte se arrependeram, não sei por quê.

Ouvindo isso, mais algumas fadas desmaiaram.

– Não sei por que estão todas desmaiando – disse Clara Luz.

– Brincar de fazer bichos com as nuvens é um brinquedo tão antigo das fadas!

– Sim, menina, mas não bichos que saiam galopando, urrando e relinchando. As mães tinham obrigação de ensinar isso às filhas. Assim que voltarem a si do desmaio, vão receber ordem de despejo.

– Vossa Majestade vai me desculpar, mas acho isso uma injustiça de Vossa Majestade.

A Fada-Mãe pôs as mãos na cabeça:

– Minha filha, por favor, não critique a Rainha!



— Não se meta! — ordenou a Rainha. — Continue a criticar-me, menina. Era a primeira vez que a Rainha mandava alguém criticá-la.

E só estava fazendo isso para mostrar que quem dava ordens era ela e não a mãe de Clara Luz.

— Essas que Vossa Majestade quer castigar — disse Clara Luz — são as que mais consultam o Livro das Fadas para tudo e nunca tiveram coragem de ter a menor ideia. Só ultimamente é que estavam começando a ter, mas Vossa Majestade, com esta reunião, acabou com as ideias delas.

— Bom, ainda bem — disse a Rainha.

— Se Vossa Majestade quer despejar alguém, é mais justo que despeje a mim, que nunca sai da Lição Um do Livro.

— Minha filha, por que você não cala a boca? — perguntou a Fada-Mãe, desesperada.

— Mamãe, ela me disse para falar o mais possível e você me disse para obedecer!

— Menina, que é que você disse? Que nunca saiu da Lição Um?

— É sim, Majestade. Não é que eu não goste de estudar, não. As aulas da Professora de Horizontologia, por exemplo, adoro. Mas, as lições desse Livro, detesto, porque não gosto de bolor.

— Bolor? Que bolor?

— Pois então, Majestade? Esse Livro está coberto de bolor.

— Impossível, menina! Esse Livro é um livro mágico, que não embolora.

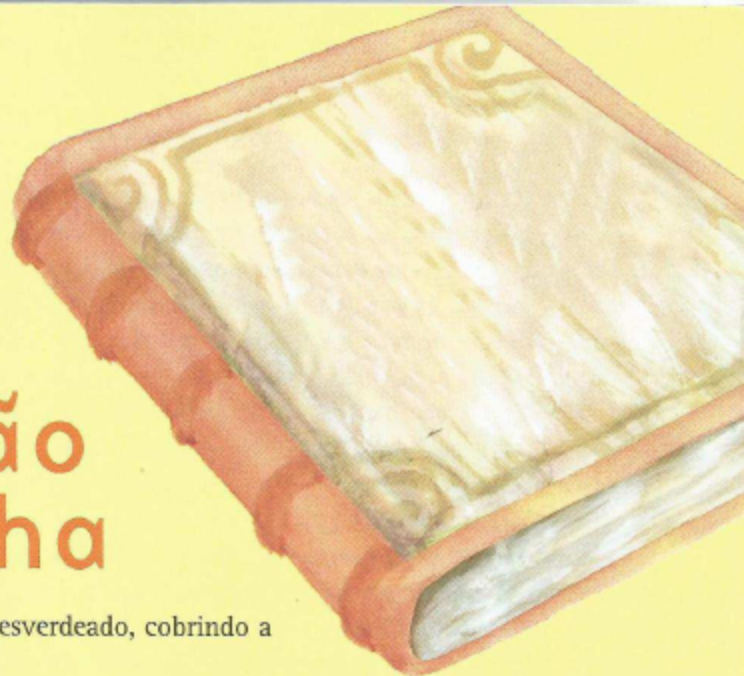
— Embolora sim, Majestade. Se Vossa Majestade reparar bem, verá que ele está coberto por uma camadinha fina de bolor.

Essas palavras causaram uma sensação na sala.

— Vão já buscar o Livro, para eu mostrar a essa menina que ele não tem camadinha nenhuma! — gritou a Rainha.

As damas de honra foram correndo. Todas as fadas que não estavam desmaiadas vieram rodear o trono.

Todo o mundo queria ver se o tal bolor existia mesmo, ou não.



# A decisão da Rainha

E lá estava o bolor, esverdeado, cobrindo a capa do Livro.

— Como é que nunca me avisaram disso? — berrou a Rainha, vermelha de raiva. — Será que eu sou sempre a última a saber de tudo, neste reino?

— Mas, Majestade, nós também não sabíamos — desculparam-se as damas e conselheiras.

— Como é que não sabiam? Consultam esse Livro todos os dias e nunca viram que ele estava embolorado? Conselheiras, aconselhem imediatamente sobre esse bolor!

As conselheiras olharam umas para as outras e não souberam o que dizer.

— Majestade, essas conselheiras não podem aconselhar direito. É impossível — disse Clara Luz.

— Impossível por quê?

— Porque todo conselho, para ser bom, tem que ter uma ideia dentro. É preciso misturar a ideia na massa do conselho, como eu misturei Relampinho na massa do bolo, no dia em que ele virou cometa.

A Rainha não entendeu nada.

— Ora — continuou Clara Luz — ninguém pode ter uma ideia que preste, aqui na corte, enquanto os horizontes estiverem fechados e enquanto só se puder fazer mágicas por esse Livro embolorado. De modo que é bobagem ter conselheiras. Vossa Majestade está gastando estrelinhas à toa.



A Rainha, que era muito econômica, concordou:

– Também acho. Gasto milhares de estrelinhas por mês com essas conselheiras e nunca ouvi um conselho que valesse a pena.

– Pois é. Agora, se Vossa Majestade ouvisse os conselhos belíssimos que todos deram, no dia da festa, aí é que Vossa Majestade ia ver o que é conselho bom.

– Festa? Que festa? – perguntou a Rainha.

As últimas fadas ainda não desmaiadas, desmaiaram nesse momento. Sobraram a Fada-Mãe e a Professora de Horizontologia, que só não desmaiaram para proteger Clara Luz.

– A festa que houve aqui no céu e que acabou quando os bichos vieram visitar o palácio de Vossa Majestade – explicou Clara Luz.

– Ah! Aquilo foi uma festa? – perguntou a Rainha.

– Foi sim. Houve balé de estrelas cadentes, a família Relâmpago cantou, todos esqueceram o Livro e cada um teve a ideia que quis. Aí todos começaram a dar conselhos em versos, que é uma maneira muito melhor de dar conselhos.

– É? E que mais? – disse a Rainha.

– Quando a Professora começou a passear, montada no leão dourado, os outros bichos vieram correndo e nessa hora é que todos cismaram de vir conhecer o palácio de Vossa Majestade.

– E quem organizou essa festa?

– Eu, Majestade.

– É? Escute, menina, eu estou desconfiada de que você pensa que a Rainha é você.

– Oh! Não, Majestade! Eu ainda sou muito pequena para ser Rainha. Eu estou só ajudando.

– Ajudando quem?

– Ajudando o mundo, não é? Quem inventa uma mágica nova está melhorando o mundo.

A Rainha não respondeu.

Clara Luz, muito contente por poder explicar todas as suas ideias, continuou falando:

– Mas é preciso deixar as pessoas inventarem as mágicas que quiserem, Majestade. Não pode ser pelo Livro.

A Rainha continuou calada.

— Pelo Livro — disse Clara Luz — as pessoas ficam iguais a essas suas conselheiras, que dão a vida inteira os mesmos conselhos.

De repente a Rainha deu um berro tão grande que as paredes do palácio tremeram:

— Quem é que educa essa menina? Onde está a mãe dela? Onde está essa tal Professora de Horizontologia?

Perguntou isso à toa, porque, no meio das fadas desmaiadas, as únicas que estavam de pé eram as duas que ela estava chamando.

A Professora de Horizontologia levantou-se:

— Fiquei calada esse tempo todo, com muito medo dos berros de Vossa Majestade. Mas agora vou falar. Vossa Majestade pode me dar o castigo que quiser, mas eu digo que tudo o que essa menina disse está certo. E se Vossa Majestade não abrir os horizontes eu não quero mais ser Professora de Horizontologia. Ou dou aula no próprio horizonte ou não dou aula nenhuma!

A Fada-Mãe levantou-se também:

— Eu acho a mesma coisa. Há muito tempo estou cansada desse Livro embolorado, mas só hoje estou com coragem de dizer isso. Não desencanto mais nenhuma princesa nem torno a fabricar nenhum tapete mágico. Vou inventar minhas próprias mágicas, como a minha filha. Estou muito orgulhosa de tê-la educado tão bem que ela é uma menina cheia de ideias. E peço desculpas a ela por ter atrapalhado as suas ideias, algumas vezes, com a minha falta de ar. Se Vossa Majestade quiser nos despejar, despeje, porque quem tem ideias vive bem em qualquer lugar. Chega!





E a Fada-Mãe sentou-se, cansada, porque nunca na vida tinha falado tanto.

— Não sei por que essa gritaria! — disse a Rainha. — Eu só chamei vocês porque achei que gostariam de saber que a fada Clara Luz está nomeada Conselheira-Chefe deste palácio.

Foi uma algazarra! Todas as fadas desmaiadas voltaram a si do desmaio e começaram a falar ao mesmo tempo. A Fada-Mãe e a Professora de Horizontologia abraçaram-se, radiantes. As conselheiras fizeram fila para cumprimentar Clara Luz:

— Que bom que você agora é nossa chefe! Já não aguentávamos mais dar sempre os mesmos conselhos!

As damas de honra, vendo que a vida no palácio ia ser muito mais divertida, davam pulos de contentes.

A Rainha nem parecia mais aquela velha rabugenta.

— Graças a Deus vou poder descansar — disse ela. — É horrível governar sozinha, sem ter conselheiras que sirvam!

— Só há uma coisa, Majestade — disse Clara Luz. — É que eu só me mudo, aqui para o palácio, com mamãe e a Professora de Horizontologia. Ainda sou pequena e só posso ser boa conselheira com uma boa mãe e uma boa professora.

— Claro, menina. Traga quem quiser. O palácio é muito grande e eu estou pouco me incomodando. Quero é sossego!

De modo que, no dia seguinte, Clara Luz mudou-se para o palácio e o primeiro conselho que deu foi mandar acabar com o Livro das Fadas e abrir os horizontes.

— Pois não, menina — respondeu a Rainha. — Até eu já estou enjoada desse Livro, para falar a verdade.

O Livro foi abandonado, os horizontes foram abertos e houve uma festa para comemorar. Até a Rainha dançou.

